

Clément Rosset, ainda



Este terceiro e último número do volume 12 da *Revista Trágica de Estudos de Filosofia da Imanência*, de 2019, completa nosso dossiê em homenagem póstuma ao instigante filósofo francês Clément Rosset, falecido em 2018.

Esperamos que os 18 artigos inéditos sobre a filosofia de Clément Rosset, oriundos de pesquisadores dos países Brasil, França, Bélgica, Inglaterra, Suíça, Burkina Faso e Equador, a tradução de um artigo de introdução por um professor dos EUA, de quem também republicamos um artigo já esgotado, alguns testemunhos, e a tradução de três textos pouco conhecidos do próprio Rosset, que tivemos a honra de publicar ao longo dos três números deste volume, possam contribuir para que sua filosofia continue a inspirar seus leitores, tal como a presença de sua pessoa marcou positivamente tantos que com ele conviveram.

Neste número 3 do dossiê, Leandro Resende (USP) analisa a filosofia de Rosset aproximando-a de suas origens nietzschianas, do eterno retorno e da afirmação incondicional da existência, em oposição à negação do caos e do acaso que caracteriza a história da filosofia.

Jaques Nanema (Université de Ouagadougou, Burkina Faso), ex-orientando de Doutorado de Clément Rosset, em seu artigo-homenagem realiza uma consistente síntese de sua filosofia, enfatizando a assunção trágica da singularidade como única maneira eficaz de encontrar a alegria de existir que nos constitui.

Os dois artigos seguintes foram apresentados em maio de 2006 no Colóquio “Sobre o pensamento de Clément Rosset”, organizado pela Associação dos Doutorandos em Filosofia da Université de Nice Sophia Antipolis (ATP-UNSA), França, universidade onde Rosset lecionou por praticamente toda a sua carreira acadêmica e até a sua aposentadoria (sendo Nice, aliás, a cidade onde Nietzsche residira

e na qual escrevera alguns de seus mais importantes livros). Alessio Moretti (Université de Neuchâtel, Suíça), ex-aluno de Clément Rosset no curso de Graduação em Filosofia da Universidade de Nice, apresenta o que chama de “estruturas elementares da ideologia”, propondo, a partir de uma leitura lógica da geometria oposicional, como “instrumento matemático” de compreensão teórica, a existência de uma “extrema direita teórica” (e de uma “extrema esquerda teórica”) caracterizada(s) pelo binarismo. A filosofia de Rosset, embora combata todo viés ideológico, poderia ser aproximada de um dualismo – ao seguir Nietzsche, se lemos este sob uma perspectiva binária – correndo assim o risco de perder a multiplicidade ao excluir o terceiro (que faz de toda oposição uma estrutura pelo menos ternária). Sarah Auvray (Université de Nice, França), por sua vez, aponta para a influência que certos conceitos da teoria psicanalítica de Lacan, notadamente o Real, exerceram sobre a filosofia de Rosset, mas também o quanto daquela esta se distancia, uma vez que para Rosset, decerto, o real escapa a toda apreensão da linguagem, não escapando no entanto da experiência presente, que pode, esta, ser expressa e compreendida por “teorias extra-disciplinares”.

Após estes quatro artigos inéditos, trazemos, em uma sessão à parte, um artigo já publicado sobre a filosofia de Clément Rosset. Nicolas Delon (New College of Florida, EUA), ex-aluno da École Normale Supérieure, jovem amigo de Clément Rosset, criador e mantenedor do site *Atelier Clément Rosset*, apresenta – em seu texto originalmente publicado em 2010 numa edição já esgotada e não mais disponível – uma reflexão sobre a animalidade a partir da filosofia de Rosset. Afirmando a unicidade do real, Rosset considera, por conseguinte, todo e qualquer dualismo, dicotomia ou binarismo, como formas mentais do duplo. A percepção humana sobre os animais, que tradicionalmente julga-os inferiores ao homem, revela-se assim apenas uma expressão particular da percepção humana sobre o real: *faltaria* ao real, como aos animais, um *além*. Porém, assim como o real e o animal não têm metafísica, o homem é um animal como outro qualquer... à diferença de sua capacidade em negar sua própria realidade, negação que o leva a denegrir o animal e recusar o real.

Finalizando o dossiê, André Martins (UFRJ) traduz o texto de Clément Rosset *A proximidade do real*, publicado na *Encyclopédie Philosophique Universelle* em 1989, em que o filósofo levanta a hipótese de que aquilo que motiva a recusa ordinária do real nem sempre é o próprio real, no que neste possa haver de desagradável, mas o receio de que a realidade que se aproxima não corresponda a nossas expectativas, nos surpreenda negativamente, ou mesmo que confirme nossos medos.

Complementando este número da revista, e retomando seu fluxo contínuo, publicamos três artigos variados. Gabriel Vertulli (PUC-Rio) analisa as teorias de Nietzsche e de Freud no que diz respeito a suas respectivas concepções sobre os instintos e sobre a formação da civilização baseada no sentimento de culpa, apontando suas proximidades, mas também seus distanciamentos, notadamente quanto à diferença entre o que é visto por Freud como uma pulsão de morte e por Nietzsche como uma pulsão para a criação. Frederico Lemos (UFF), por seu turno, aproxima os cinco pós-fácios de Nietzsche de 1886 de seu livro *Ecce Homo*, de 1888, incluindo-os em um movimento de *autogenealogia*, mas também de *autocrítica*, o que revelaria, enfim, uma dimensão *clínica* da transvaloração de todos os valores, em seu aspecto psicofisiológico, instintual e afetivo, restabelecendo a unidade entre pensamento e vida. José Elielton de Sousa (UFPI) discorre sobre as relações entre poesia e filosofia, e analisa o poema-título do livro de Mário Faustino (1930-1962) *O homem e sua hora* (de 1955) como tendo tido uma grande influência da filosofia nietzschiana.

Fábio Rodrigues de Ávila (Unifesp) aponta para a marginalidade do filósofo setecentista Paul-Henri Thiry, o Barão de Holbach, no que diz respeito à sua concepção

moral, certamente influenciada pela filosofia de Spinoza. Enquanto autores como Hobbes opõem natureza e moral, em que esta deve, artificialmente, conter as pulsões naturalmente egoístas e destrutivas do homem, e autores como Aristóteles e Rousseau o pensam como um ser naturalmente social para quem o egoísmo é uma degradação, Holbach entende que é o interesse que leva o naturalmente homem à sociabilidade, à virtude e à moral.

Por fim, Djalma Lopes (UFRJ) resenha a mais recente biografia de Nietzsche, intitulada *Eu sou dinamite!*, publicada originalmente em 2018 e sua tradução em 2019, escrita por Sue Prideaux, na qual a autora valoriza os aspectos íntimos e humanos da vida de Nietzsche.

Boa leitura a todos!

André Martins
Editor